



## Gestão, produção e alcance do jornalismo ensinado e feito na academia

**Antonia Alves Pereira<sup>1</sup>.**

Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat)

**Resumo:** O artigo usa informações coletadas para análise curricular comparada entre cursos de jornalismo em três instituições públicas da região Centro-Oeste – UnB, UFMS e UNEMAT. Considera o documento das Diretrizes Curriculares Nacionais (2013) e a sua incorporação pelos currículos de jornalismo, confrontando com duas obras publicadas antes e após sua promulgação, o Mapeamento do Jornalismo Digital no Brasil (2010) e O Ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes (2018). Trabalha as seguintes perguntas de pesquisa: as recomendações das DCNs aparecem claramente na distribuição das disciplinas? Em relação à autonomia, os cursos estudados são independentes na gestão, produção e distribuição de conteúdos internos e externos? Há retorno das comunidades para a produção de laboratórios? Dentre os eixos formativos das DCNs, são abordados os seguintes indicadores: quadros teóricos de referência; capacidade de percepção do contexto e conhecimento da profissão pelos discentes; compreensão dos processos de produção jornalística e diálogos entre disciplinas. Os resultados consideram a aplicação dos conceitos de dialogicidade, alteridade, diversidade e emancipação no ensino de Jornalismo.

**Palavras-chave:** jornalismo, autonomia, interdisciplinaridade, dialogicidade, emancipação.

---

<sup>1</sup> Professora da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Mestre em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (USP). Doutoranda em Comunicação pelo Programa CAPES-DINTER - Universidade do Estado do Rio de Janeiro e Universidade do Estado de Mato Grosso. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Sonia Virgínia Moreira. E-mail: [antoniaalves@unemat.br](mailto:antoniaalves@unemat.br).

## 1. Introdução

Após a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) para os cursos de Jornalismo, em 2013, muitos pesquisadores buscam compreender como se deu esse processo nas instituições de ensino superior. *O Ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes – miradas sobre projetos em implantação* averigua 54 Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) nas cinco regiões geográficas, de IES públicas e privadas. Lançada em 2018 pela Editora Insular, a obra foi organizada por Eduardo Meditsch, Melina de la Barrera Ayres, Juliana Gobbi Betti e Marcelo Barcelos, a partir das discussões na disciplina *Pedagogia do Jornalismo*, do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

As DCNs recomendam que os cursos formem um jornalista com perfil generalista, humanista, crítico e reflexivo a partir do desenvolvimento de competências gerais, cognitivas e pragmáticas. Em relação à dimensão tecnológica, as Diretrizes abordam nas competências gerais e cognitivas, a necessidade de domínio das tecnologias de informação e comunicação, bem como a compreensão das especificidades éticas, técnicas e estéticas do jornalismo, em sua complexidade de linguagem e como forma diferenciada de produção e socialização de informação e conhecimento sobre a realidade. Por sua vez, as competências pragmáticas, enfatizam que é preciso:

f) adotar critérios de rigor e independência na seleção das fontes e no relacionamento profissional com elas, tendo em vista o princípio da pluralidade, o favorecimento do debate, o aprofundamento da investigação e a garantia social da veracidade; n) dominar linguagens midiáticas e formatos discursivos, utilizados nos processos de produção jornalística nos diferentes meios e modalidades tecnológicas de comunicação; o) dominar o instrumental tecnológico – hardware e software – utilizado na produção jornalística. (BRASIL, 2013, p. 3-4).

Por meio de metodologias inovadoras, os cursos são convidados a articular ensino, pesquisa e extensão aos conteúdos trabalhados nos seis eixos formativos ao longo do curso: humanística, específica, contextual, de qualificação profissional, aplicação prática e prática em laboratório. É justamente essa perspectiva que buscamos ao averiguar três instituições públicas da região Centro-Oeste – Universidade de Brasília (UnB),

Universidade do Estado de Mato Grosso (UFMS) e Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

É importante lembrar que antes da inauguração de Brasília no Distrito Federal, desmembrado de Goiás, em 1961, a região Centro-Oeste manteve-se afastada geograficamente das metrópoles, de acordo com Santos & Silveira (2003). Outro evento que mudou o cenário regional foi a criação do estado Mato Grosso do Sul, desmembrado de Mato Grosso, em 1977. Dez anos após a criação de Brasília, surge o curso de Jornalismo da UnB, em 1971. Vinte anos mais tarde, é criado o curso de jornalismo na UFMS, em 1989. O curso da Unemat aparece apenas em 2006.

Recentemente, as disciplinas do eixo de qualificação profissional (eixo IV) dos cursos de jornalismo dessas IES foram depurados em suas possíveis conexões interdisciplinares<sup>2</sup> (FAZENDA, 2001) e de proposta de comunicação dialógica proposta por Paulo Freire nas obras *Pedagogia do Oprimido* e *Pedagogia da Autonomia*. Percebeu-se que a matriz curricular é distribuída equilibradamente nos seis formativos de maneira a promover flexibilidade interdisciplinar no trato dos conteúdos, desenvolver a perspectiva regional/local, bem como parâmetros freirianos em vista de capacitar jornalistas para a transformação (MOREIRA; PEREIRA, 2019, p. 13-14).

Agora, a proposta de análise se volta para as disciplinas sob a perspectiva tecnológica que se faz presente nos processos de produção, de gestão e de distribuição dos produtos, por meio do estudo comparado dos projetos pedagógicos dos três cursos e dos seguintes indicadores: quadros teóricos de referência dos docentes, capacidade de percepção do contexto e conhecimento da profissão pelos discentes, compreensão dos processos de produção jornalística e diálogos entre disciplinas.

A primeira menção encontrada diz respeito à utilização do ambiente virtual de aprendizagem (AVA) para apoio às disciplinas presenciais, desde 2013, na UnB, com o *Aprender*, e na Unemat, com o *Moodle*<sup>3</sup> – nesta, são 48 créditos à distância<sup>4</sup>, exige-se capacitação docente e infraestrutura do AVA para sua aplicação.

---

<sup>2</sup> No artigo escrito em coautoria Sonia Virgínia Moreira intitulado *Is Interdisciplinarity an Element of Journalism Education? Curricula Analysis of Universities in Central Brazil*. World Journalism Education Congress - WJEC Paris, julho 2019. Disponível em: <<http://www.wjec.paris/>>.

<sup>3</sup> O Moodle (Modular Object Oriented Distance Learning) é um Sistema de gerenciamento para a criação de curso online, ou seja, um Ambiente Virtual de Aprendizagem (AVA) ou Learning Management Sys-

## 2. O ensino de jornalismo digital e de inovação

As discussões sobre o jornalismo digital ocorrem há quase três décadas. Pesquisadores europeus, norte-americanos e brasileiros estão entre o conjunto de autores que estudam esse fenômeno que surgiu na metade da década de 1990. A produção científica abrange discussões quanto à sua definição, fases e características, seguindo de alguma forma a própria evolução dos recursos tecnológicos.

Se seus primeiros estágios passam pela transposição do impresso (1995-1997) e fase da metáfora com recursos da internet (1997-1999), seu marco mais significativo se dá com a identificação do jornalismo de terceira geração (1999-2002), como demonstram Mielniczuk (2003), Barbosa (2007), Schwingel (2005), dentre outros. Assim, o webjornalismo evolui para o que pode ser definido como webjornal, “um novo produto, que rompe com padrões e oferece possibilidades até então inéditas” (MIELNICZUK, 2004, p. 5). As fases seguintes permitiram a incorporação de bancos de dados à narrativa jornalística (BARBOSA, 2007) e das mídias móveis como um novo ciclo de inovação que permite distribuição em multiplataformas (BARBOSA, 2013).

Em relação à nomenclatura, o jornalismo praticado no universo digital vem sendo chamado de jornalismo digital, jornalismo eletrônico, jornalismo on-line, webjornalismo e ciberjornalismo. Ao revisitar as pesquisas sobre a temática, Schwingel (2012) define o ciberjornalismo como “a modalidade jornalística no ciberespaço fundamentada pela utilização de sistemas automatizados de produção de conteúdos que possibilitam a composição de narrativas hipertextuais, multimídias e interativas”.

---

tem (LMS). É um software livre de apoio à aprendizagem que se baseia em desenvolvimento colaborativo entre programadores, designers, administradores, professores e usuários de todo mundo em torno de uma comunidade virtual. Por ser de código aberto, as modificações são incorporadas facilmente ao AVA, possibilitando que o mesmo esteja acompanhando os avanços dos recursos tecnológicos. Disponível em: <<https://www.moodlelivre.com.br/tutoriais-e-dicas/974-o-que-e-moodle>>. Acesso em: 30 jul. 2019.

<sup>4</sup> Conforme detalhamento do PPC, a carga horária total é de 3.200, sendo 2.760 horas em disciplinas obrigatórias e 240 horas em disciplinas eletivas. Acatando orientações da IES a partir do Parecer CNE nº 39/2013, o curso decidiu utilizar 20% da carga horária com aulas a distância, das disciplinas que poderiam ter um complemento pedagógico virtual e que se encontravam como créditos teóricos (T), práticos (P), de campo (C) e laboratorial (L) e de educação a distância (D), conforme modelo da IES.

Ao longo desse percurso, foram sendo incorporadas características do jornalismo digital, a saber: hipertextualidade, interatividade, multimídia, personalização, memória e atualização contínua (PALÁCIOS, 2002; MIELNICZUK 2003); posteriormente, flexibilização dos limites de tempo e espaço como fator de produção e uso das ferramentas automatizadas no processo de produção (SCHWINGEL, 2012). De acordo com Schwingel (2012), os sistemas de gerenciamento e de publicação de conteúdos vinculados a banco de dados relacionais e complexos que permitem a incorporação do usuário nas etapas de produção, de armazenamento e recuperação de conteúdos, de liberdade de narrativa e flexibilização dos limites de tempo e espaço.

Podemos dizer que o fenômeno da comunicação em ambiências de redes digitais sustentado pelas tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) alterou consideravelmente as formas de compartilhamento, de sociabilidade e de subjetividade decorrentes das relações comunicacionais humanas, pós-humanas e nas novas formas de habitar com as tecnológicas móveis (LEMOS, 2006).

É nesse contexto que analisamos o conteúdo de disciplinas no ensino de jornalismo digital dos projetos pedagógicos da UnB, UFMS e Unemat, a partir das DCNs de 2013 e outras duas obras, a saber: *O Mapeamento do Ensino do Jornalismo Digital no Brasil* (ITAÚ CULTURAL, 2010), coordenado por Alex Primo; e um artigo da obra por Meditsch, Ayres, Betti e Barcelos (2018), denominado *O ensino de jornalismo digital e de inovação*, assinado por Kérley Winkes, Marcelo Barcelos e William Cordeiro.

Para Alex Primo, os dados apresentados na virada da década, “acabam por tocar não só no caso do ensino do jornalismo on-line, mas em todo o processo de ensino dos cursos de comunicação” (ITAÚ CULTURAL, 2010, p. 5). O mapeamento questionou se o ensino de jornalismo estaria se adequando ao cenário de profundas transformações sociais e de sucessivas revoluções digitais, bem como se os alunos estariam sendo preparados para atuar em jornalismo digital.

Em relação à produção coletiva ou individual, os números revelaram que havia predominância de projetos coletivos, o que indicava uma prática pedagógica baseada na constituição de grupos de trabalho. Também se percebeu a existência de transdisciplinaridade, de uso de ferramentas para o ensino a distância e de metodologias diferenciadas, apesar de se notar certa compartimentalização em muitos currículos. Ainda se verificou

que a presença do jornalismo cidadão e da participação do cidadão repórter no processo de produção da notícia numa perspectiva de colaboração, apesar de que esse material “continua a ser filtrado por jornalistas, que avaliam suas condições técnicas, relevância e adequação à linha editorial do veículo” (ITAÚ CULTURAL, 2010, p. 117).

Winques, Barcelos e Cordeiro (2018, p. 120) consideram o contexto em que o fluxo noticioso vem de muitos lugares, com a formação do jornalista demandando outras qualificações. Afirmam, com Deuze & Witschge (2016), que nesse universo noticioso complexo, o jornalismo digital e de inovação procura consolidar práticas a partir de tendências que estão alterando o estatuto da profissão, a saber: reorganização dos ambientes de trabalho, fragmentação das redações, emergência de uma sociedade redacional e a ubiquidade das tecnologias midiáticas. Tal cenário levaria à obrigação de formar um jornalista empreendedor que tenha seu ofício dependente das mídias digitais.

É a partir dessa perspectiva que os autores analisaram o jornalismo digital em projetos pedagógicos de dez instituições públicas e privadas das cinco regiões brasileiras, dentre as quais a Universidade de Brasília (UnB), uma das instituições analisadas neste artigo. Os autores argumentam que o desafio proposto pelas DCNs “é que ocorra um equilíbrio entre a teoria e prática e, principalmente, que os cursos olhem para as especificidades da profissão ao invés de formar comunicadores polivalentes” (WINQUES, BARCELOS & CORDEIRO, 2018, p. 138). Isso se daria por meio da apreensão do conhecimento teórico adquirido pelos alunos nas disciplinas e laboratórios<sup>5</sup>.

Winques, Barcelos & Cordeiro (2018, p. 138-139) constatam que essas instituições se mostram atentas à importância do ambiente redacional e aos núcleos laboratoriais que visam a unificação do conjunto de códigos, que auxiliam na formação do futuro profissional. Ao mesmo tempo, utilizam as tecnologias para possibilitar diversidade de formas, sentidos e instrumentos midiáticos, considerando o movimento híbrido dos produtos e da audiência.

Essas discussões reafirmam a proposta deste artigo, que discute a gestão da comunicação dialógica na aplicação da proposta curricular a partir da ressignificação

---

<sup>5</sup> Os autores fazem essa lembrança a partir do texto de Canavilhas (2007) sobre os códigos jornalísticos: linguístico (palavra – escrita/oral), sonoro (música e efeitos sonoros), icônico (imagens em movimento – vídeo ou imagens virtuais 3D, fotografia, gráficos e infográficos), estilístico (usabilidades, tipo de letra, fundo e cores).

dos conteúdos obrigatórios e complementares na formação do jornalista em relação à autonomia individual e coletiva, passando pelos processos de gestão, produção e distribuição de conteúdos em vista de um jornalismo comprometido com sua realidade.

### **3. Da dialogicidade à emancipação aplicada ao jornalismo**

Acatando as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), os cursos aplicam a interdisciplinaridade na proposta curricular, conforme demonstram os Projetos Pedagógicos de Curso (PPC) analisados. No caso das disciplinas voltadas para o jornalismo em ambiente digital e virtual, percebe-se que a preocupação vai além dos aparatos tecnológicos, envolvendo narrativas que contemplam o outro – “repórteres amadores” ou apenas aquele que sugere pautas.

É nessa concepção que o pensamento de Paulo enriquece a integração entre teoria e prática em vista de uma emancipação social por meio do diálogo problematizador e interdisciplinar. De acordo com Ivani Fazenda, os conceitos de pluri, multi, inter e transdisciplinaridade vem sendo discutidos desde a década de 1970, via coordenação e cooperação entre as disciplinas. Nesse contexto, o *inter* estabelece “uma relação de reciprocidade, de interação que pode propiciar o diálogo entre os diferentes conteúdos desde que haja uma intersubjetividade presente nos sujeitos” (FAZENDA, 2003, p. 48).

Portanto, para a pesquisadora, a interdisciplinaridade representa

(...) uma nova atitude diante da questão do conhecimento, de abertura à compreensão de aspectos ocultos do ato de aprender e dos aparentemente expressos, colocando-os em questão. (...) A interdisciplinaridade pauta-se numa ação em movimento. Pode-se perceber esse movimento em sua natureza ambígua, tendo como pressuposto a metamorfose, a incerteza (FAZENDA, 2001, p. 11-12).

Uma pesquisa sobre a interdisciplinaridade no ensino de Jornalismo pressupõe a observação da prática pedagógica, das disciplinas e da institucionalização curricular. Essa atitude de abertura à vivência interdisciplinar e dialógica (FREIRE, 2018a). Para Ivani Fazenda (1979), esse processo de interação envolve coparticipação, reciprocidade e mutualidade, estando fundamentado em cinco princípios que subsidiam a prática docente interdisciplinar: humildade, espera, respeito, coerência e desapego.

Tal concepção é intrínseca à proposição de Paulo Freire (2018a; 2019b) de sujeitos dialógicos (professor e aluno) no trabalho interdisciplinar. A mesma intencionalidade de conhecer para aprender e depois ensinar que move o docente interdisciplinar está implícito no diálogo, ao supor que “uma atitude de abertura, uma relação de reciprocidade, de amizade e de receptividade, basicamente, só poderá ocorrer se houver antes uma intenção em conhecer o outro” (FAZENDA, 2001, p.18).

Se o jornalismo é compreendido como atuação em vista da responsabilidade social, o pensamento de Paulo Freire se apresenta como condição essencial para que os jornalistas sejam profissionais generalistas, humanistas, críticos e reflexivos, conforme atestam as DCNs. Marques de Melo (2007) apontara três variáveis para a estratégica pedagógica dos currículos de Comunicação e de Jornalismo, a saber:

1) Sintonia entre os processos didáticos e a natureza de cada curso. 2) Disponibilidade de laboratórios e equipamentos compatíveis com a natureza de cada segmento profissional. 3) O entorno local/regional em que os cursos estão situados deve necessariamente ser o ponto de partida para a organização da grade curricular. Afinal de contas é nas indústrias/serviços da cidade/região que os novos profissionais buscarão o primeiro emprego (MARQUES DE MELO, 2007, pp. 26-27).

Posicionamento que toma força com as DCNs e com a aplicação das ideias de Paulo Freire aos currículos de Jornalismo, já que seu pensamento é comprometido. Meditsch (2016, p.143) advoga que reestudar Freire revigora a perspectiva de uma comunicação emancipadora, pois é necessário se questionar: “a serviço de que e a serviço de quem os meios de comunicação se acham? Esta é uma questão que tem a ver com o poder e o que é política” (FREIRE & GUIMARÃES, 1984, p. 14).

É nesse sentido, que as obras<sup>6</sup> *Pedagogia do Oprimido* (2018a) e *Pedagogia da Autonomia* (2018b) se tornam luzeiros para averiguar os currículos dos cursos de jornalismo a partir da *gestão dos processos comunicacionais* e das *práticas pedagógico-comunicacionais*, áreas de intervenção da Educomunicação. Tendo por fundamento, a dialogicidade freireana, os estudos da Educomunicação (SOARES, 2011; CITELLI & COSTA, 2011; MELLO, 2016) fundamentam-se na proposta de Paulo Freire.

---

<sup>6</sup> As obras freireanas: *Pedagogia do Oprimido* foi publicado originalmente em 1968, sendo que em 2018 foi lançada a 66ª edição pela Editora Paz e Terra; *Pedagogia da Autonomia*, lançada em 1996, está na 56ª edição pela mesma editora.



O paradigma se desenvolve também a partir do conceito barberiano *ecossistemas comunicativos* que evidenciava a experiência cultural num ambiente informacional que evoca sensibilidades e modos de percepção distintos (MARTÍN-BARBERO, 2014), discutido inicialmente ao final da década de 1990. Ao resignificá-lo, a Educomunicação se propõe a trabalhar por áreas de intervenção a fim de construir ou fomentar *ecossistemas comunicativos* abertos, dialógicos e interdiscursivos.

É nesse espaço educativo que acontecem relações que estimulam trocas reflexivas, estruturam conhecimentos e fortalecem habilidades na formação de cidadãos críticos. Portanto, ganham força as *práticas pedagógico-comunicacionais* são um “processo comunicativo voltado para a construção da aprendizagem coletiva, podendo ser associada à formação valorativa” (MELLO, 2016, p. 10).

A compreensão freireana acerca do diálogo crítico, libertador e problematizador perpassa a ação e a reflexão, já que se embasa numa educação problematizadora que relata a realidade e incentiva a visão crítica. Nessa proposição, a práxis constrói a aprendizagem a partir da dialogicidade que se faz dialógica com “sujeitos dialógicos” capazes de *pronunciar* o mundo por meio de um “ato de criação” em vista de sua “conquista o mundo para a libertação dos homens” (FREIRE, 2018a, p. 110).

Se são sujeitos dialógicos, atuam em colaboração para transformar o mundo por meio do diálogo, da comunicação, da união e da organização, vivenciando a teoria revolucionário-libertadora: *teoria da ação dialógica* (figura 1) em que os sujeitos testemunham o processo de “ação revolucionária” cultural e pedagógico pela libertação (FREIRE, 2018a, p. 241). Sua antítese é a *teoria da ação anti-dialógica* que é opressora, realizando-se por meio da conquista, da divisão, da manipulação e da invasão cultural.

**Figura 1: Teoria da Ação dialógica e Teoria da Ação anti-dialógica**



**Fonte:** Elaboração das autoras, adaptado da obra *Pedagogia do Oprimido* (FREIRE, 2018a)

Dessa feita, os sujeitos fazem frente à força da própria cultura para superação da cultura alienada e alienante, de maneira especial, os docentes são convocados a assimilar as exigências do ensinar considerando a autonomia do aprendiz, a reflexão sobre sua prática docente e as especificidades humanas (tabela 1), já que “ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era possível ensinar” (FREIRE, 2018b, p. 26).

**Tabela 1: Exigências do ensinar para uma pedagogia da autonomia**

Reflexão sobre a prática docente	Ensinar não é transferência de conhecimento	Ensinar é especificidade humana
Rigorosidade metódica	Consciência do inacabado	Segurança, competência profissional e generosidade
Pesquisa	O reconhecimento de ser condicionado	Comprometimento
Respeito aos saberes dos educandos	Respeito à autonomia do ser do educando	Compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo
Criticidade	Bom-senso	Liberdade e autoridade
Estética e ética	Humildade, tolerância e luta em defesa dos direitos dos educadores	Tomada consciente de decisões
A corporificação das palavras pelo exemplo	Apreensão da realidade	Saber escutar
Risco, aceitação do novo e rejeição a qualquer forma de discriminação	Alegria e esperança	Reconhecer que a educação é dialógica
Reflexão crítica sobre a prática	A convicção de que a mudança é possível	Disponibilidade para o diálogo
O reconhecimento e a assunção da identidade cultural	Curiosidade	Querer bem aos educandos

**Fonte:** Elaboração das autoras, adaptado da obra *Pedagogia da Autonomia* (FREIRE, 2018b)

Dialogicidade como prática de liberdade. É nesse sentido que os cursos de Jornalismo podem apresentar indícios sobre a presença da *teoria da ação dialógica – colaboração, união para a libertação, organização e síntese cultural* – inerente ao processo de aprendizagem do saber jornalístico. Nesse sentido, ainda é preciso averiguar os *saberes necessários à prática educativa* contidos na *Pedagogia da Autonomia*.

Para Freire (2018b, p. 26), “ensinar inexistente sem aprender e vice-versa, e foi aprendendo socialmente que, historicamente, mulheres e homens descobriram que era

possível ensinar”. Por isso a sua atenção do educador que busca desenvolver a autonomia do aprendiz se volta para três pontos essenciais acerca das exigências do ensinar, a saber: a reflexão sobre a prática docente, o ensinar para além da transferência de conhecimento e o ensinar como uma especificidade humana (tabela 1).

#### **4. A perspectiva do jornalismo digital nos PPCs**

Como dito anteriormente, utilizamos a perspectiva da análise curricular comparada dos PPCs de duas IES federais e de uma IES estadual e as recomendações das DCNs para averiguar a distribuição das disciplinas e à autonomia de sua aplicação em relação aos processos de produção, de gestão e de distribuição dos produtos, a partir dos eixos formativos das DCNs, a saber: quadros teóricos de referência dos docentes, a capacidade de percepção do contexto e o conhecimento da profissão pelos discentes, a compreensão dos processos de produção jornalística e diálogos entre disciplinas. Nos resultados verificamos também a aplicação dos conceitos de dialogicidade, alteridade, diversidade e emancipação no ensino de Jornalismo.

Os estudos comparados em jornalismo realizados na década de 1950 por Jacques Kayser, disseminados no Brasil na década de 1970 por José Marques de Melo, é recurso metodológico pouco usado no Brasil, mantendo-se muitas vezes no âmbito descritivo de conteúdo de mídia. Uma contribuição importante vem de Esser & Hanitzsch (2012), que classificam as pesquisas comparadas em jornalismo de acordo com tipos específicos e apontam seus limites e desafios teórico-metodológicos. Os estudos comparados podem estabelecer relação dialógica entre pesquisas de uma mesma área de conhecimento e estimular a formação de redes de pesquisadores para fortalecer bases de dados e os instrumentos de análise, evidenciados por Nakamura no campo da educação (2013, p. 9).

Ao catalogar as disciplinas de cunho tecnológico das IES, foram encontradas 16 disciplinas em todos os eixos fundamentais: 1) de fundamentação humanística; 2) de fundamentação específica; 3) de fundamentação contextual; 4) formação profissional; 5) de aplicação processual; 6) de prática laboratorial. Das disciplinas, 11 são obrigatórias e 5 são optativas, sendo que uma disciplina apareceu nos eixos 1, 2 e 3, três no eixo 4 e

cinco nos eixos 5 e 6, respectivamente. Foram organizadas em cinco categorias de análise (tabela 1) – Cibercultura, Ciberjornalismo, Educomunicação, Empreendedorismo e Plataformas digitais; posteriormente, foram averiguadas as ementas (figura 1) e as referências bibliográficas (figura 2).

**Tabela 1: Disciplinas organizadas em categorias**

<i>Categorias</i>	<i>N.</i>		
<i>Ciberjornalismo</i>	6	Ciberjornalismo, Laboratório de Ciberjornalismo I e II	UFMS
		Webjornalismo	UnB
		Jornalismo Digital	Unemat
		Câmpus Multimídia	UnB
<i>Cibercultura</i>	2	Comunicação e Cibercultura	Unemat
		Produção Transmídia em Comunicação	Unemat
<i>Educomunicação</i>	2	Mídia-Educação	UFMS
		Tecnologia de Informação e Comunicação	Unemat
<i>Empreendedorismo</i>	1	Empreendedorismo e Inovação	UFMS
		Linguagens e Ferramentas para a Produção Web I e II	UFMS
<i>Plataformas digitais</i>	5	Informática Aplicada ao Jornalismo	UFMS
		Produção Jornalística em Plataformas Digitais	Unemat
		Webdesign em Jornalismo	UnB

**Fonte:** Elaboração das autoras

Foi possível perceber que o maior número de referências se encontra na categoria Ciberjornalismo com 41 obras, seguida por cibercultura (24), plataformas digitais (37), empreendedorismo (13) e educomunicação (9). Pelas nuvens de palavras<sup>7</sup>, é possível observar os temas e expressões mais citados tanto nas ementas (figura 1) quanto nos títulos das obras (figura 2), a saber: produção, material jornalístico, notícias, multimídia, planejamento, multimídia, ferramentas, ciberjornalismo, jornalismo digital, webdesign, cibercultura, digitais, empreendedorismo, convergência, etc.

<sup>7</sup> O tamanho de cada palavra varia de acordo com o número de vezes em que aparece citada no texto. O tamanho de cada palavra varia de acordo com o número de vezes em que aparece citada no texto.

.....  
**Figura 1:** Nuvem de palavras das ementas voltadas ao jornalismo digital



Fonte: Elaboração das autoras pelo site Wordclouds.com

**Figura 2:** Nuvem de palavras a partir dos títulos das referências bibliográficas



Fonte: Elaboração das autoras pelo site Wordclouds.com

Os autores mais citados são Nilson Lage, Pierre Lèvy, Henry Jenkins, Elias Machado, Marcos Palácios, João Canavilhas, José Marques de Melo, Pollyana Ferrari, Suzana Barbosa, Jakob Nielsien, dentre outros, apontando para a dimensão do jornalismo no ciberespaço com suas especificidades (figura 3).

**Figura 3:** Nuvem de palavras com os autores mais citados



Fonte: Elaboração das autoras pelo site Wordclouds.com

É interessante perceber no conjunto das disciplinas, uma preocupação voltada para responder aos desafios contemporâneos com disciplinas que se propõem inovadoras a partir de uma consciência humanística, ética e sustentável (Empreendedorismo) e de valorização dos processos comunicativos dialógicos (Mídia-Educação; Tecnologia de Informação e Comunicação).

Voltadas para o universo cibercultural, as disciplinas de “Comunicação e Cibercultura” e “Produção Transmidiática em Comunicação” preparam o acadêmico para compreender o ciberespaço e a cibercultura em seus aspectos voltados para a cultura

digital, participativa e interativa, sociedade da informação, convergência digital e narrativas transmídias que requerem o suporte da interatividade, hipermídia, das linguagens digitais e das mídias locativas e sociais.

De acordo com as ementas, o curso está voltado para a formação de um profissional para se destacar no ambiente virtual, pois apresenta conteúdo voltado para as tecnologias de produção para a web, planejamento editorial e visual, o uso de sistemas de gerenciamento de publicações, bem como de softwares de diagramação e de produção de textos e imagens. Ao mesmo tempo, discute o papel da informática no Jornalismo, as linguagens e narrativas para construir uma história a partir de múltiplos meios e para distintos usuários por meio de recursos audiovisuais, interativos e de mobilidade na difusão da informação jornalística para atender ao novo consumidor (os *prosumers*).

Compreendendo a história da Internet e do jornalismo digital, o estudante passa a se debruçar sobre as características Ciberjornalismo e das redes digitais, assim como as ferramentas, gêneros e formatos desse jornalismo em rede para a produção de notícias para blogs, sites e dispositivos móveis. Nesse sentido, vai aprimorando as técnicas de construção da narrativa multimídia e o trabalho em redação convergente e integrada em que culminam com as agências de notícias que distribuem o material jornalístico em tempo real nas redes sociais, sites e blogs.

## **5. Considerações processuais**

Nesse percurso, traçamos a análise curricular comparada dos Projetos Pedagógicos de Cursos (PPCs) de duas IES federais e de uma IES estadual, implementados a partir das recomendações das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs), publicadas em 2013. Nosso foco se voltou para as disciplinas vinculadas ao ensino de jornalismo digital e para tanto, analisamos o *Mapeamento do Ensino de Jornalismo no Brasil* (2010) e *O ensino de jornalismo digital e de inovação* (2018), duas publicadas localizadas num espaço de oito anos, antes e após, a promulgação das Diretrizes.

Assim, passamos a analisar os PPCs da Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e Universidade do Estado de Mato

Grosso (Unemat). O presente artigo se apresentou como continuidade ao levantamento que averiguou a matriz curricular dos cursos de Jornalismo destas instituições à luz dos princípios de Paulo Freire, tendo como foco a dialogicidade e a interdisciplinaridade (MOREIRA; PEREIRA, 2019).

Buscamos averiguar como se dá a distribuição das disciplinas nos eixos formativos das DCNs em relação aos processos de produção, de gestão e de distribuição dos produtos, levantando indícios que apontassem para os conceitos de dialogicidade, alteridade, diversidade e emancipação no ensino de Jornalismo. A revisitação da literatura acerca do jornalismo digital (MIELNICZUK, 2003; 2004; BARBOSA, 2007; 2013; SCHWINGEL, 2005; 2012; PALÁCIOS, 2002), os apontamentos sobre o mapeamento do ensino de jornalismo no Brasil (ITAÚ CULTURAL, 2010) e a aplicação do mesmo atualmente (WINQUES; BARCELOS; CORDEIRO, 2018), apontou que os cursos de Jornalismo se preocupam com a formação do jornalista considerando os avanços tecnológicos, ao mesmo tempo em que se abre para a possibilidade de um jornalismo, cujo foco seja a emancipação social capaz de considerar o Outro em sua atuação.

Como trata-se de um estudo doutoral em andamento, pretende-se continuar aprofundar os aspectos da dialogicidade considerando o diálogo crítico, libertador e problematizador a partir do viés da comunicação que envolve sujeitos dialógicos envolvidos na *teoria da ação dialógica* que considera a colaboração, a união, a organização e a síntese cultural como inerentes ao processo educativo (FREIRE, 2018a). Ao lado dessa teoria, buscamos compreender as exigências do ensinar a partir da prática do docente, para além da transferência do conhecimento e da consideração da especificidade humana (FREIRE, 2018b).

Por ora, apontamos que essa proposta dialógica freireana é interdisciplinar e capaz de fazer acionar as *práticas pedagógico-comunicacionais* numa proposta de *gestão dos processos comunicacionais* entre os sujeitos dialógicos do processo educativo que se abre à vivência interdisciplinar capaz de superar uma concepção fragmentária em vista de uma educação dialógica (FAZENDA, 1979; FREIRE, 2018a; 2018b)

Desde a nomenclatura das disciplinas do ensino de jornalismo digital como seu conteúdo demonstram que os cursos superaram uma visão puramente tecnicista do fazer jornalístico utilizando tecnológicas em direção a uma compreensão do processo ciber-



cultural em que os indivíduos estão inseridos. Nesse sentido, podemos dizer que as DCNs foram atendidas em suas recomendações de que as disciplinas perpassem todos os eixos formativos, assim como se articulem a teoria e a prática em vista de se colocar no mercado um profissional generalista, humanista, crítico e reflexivo.

## Referências

BARBOSA, S. Jornalismo convergente e continuum multimídia na quinta geração do jornalismo nas redes digitais. In: CANAVILHAS, J. **Notícias e mobilidade: O jornalismo na era dos dispositivos móveis**. Livros Labcom books, 2013, p. 33-54.

BARBOSA, S. **Jornalismo Digital em Base de Dados: paradigma para produtos jornalísticos digitais dinâmicos** (tese de doutorado). UFBA/POSCOM, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Resolução 01/CNE/CES/2013**, de 27 de setembro de 2013. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o curso de graduação em Jornalismo, bacharelado, e dá outras providências. Brasília, 2013.

CITELLI, A.; COSTA, M. C. C. (orgs.). **Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento**. São Paulo: Paulinas, 2011.

ESSER, F.; HANITZSCH, T. (Ed.), **Handbook of comparative communication research**. London, UK: Routledge, 2012.

FAZENDA, I. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário em construção: interdisciplinaridade**. São Paulo: Cortez, 2001.

\_\_\_\_\_. **Integração e interdisciplinaridade no Ensino Brasileiro: efetividade ou ideologia**. 4ª ed. São Paulo: Loyola, 1979.

FREIRE, P.; GUIMARÃES, S. **Sobre educação** (diálogos), v.1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

Freire, P. **Pedagogia do Oprimido**, Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018a.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia – saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Paz & Terra, 2018b.

ITAÚ CULTURAL. **Mapeamento do Ensino de Jornalismo Digital no Brasil em 2010**. São Paulo: Itaú Cultural, 2010.

LE MOS, A. **Ciberespaço e Tecnologias móveis: Processos de Territorialização e Desterritorialização na Cibercultura**1. Bauru: 15º Encontro Anual da COMPÓS, 2006.

MARQUES DE MELO, J.. O ensino de Comunicação os desafios da sociedade contemporânea. In: MATTOS, S. (org). **Comunicação plural**. Salvador: EDUFBA, 2007, pp. 17-31.

MARTÍN-BARBERO, J. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

MEDITSCH, E.; AYRES, M. B.; BETTI, J. G.; BARCELOS, M.. **O Ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes**: miradas sobre projetos em implantação. Florianópolis: Insular, 2018.

MEDITSCH, E. Paulo Freire nas práticas emancipadoras da comunicação: ainda hoje, um método subutilizado no Brasil. **Revista ALAIC**, v.13, n. 25, p.132-143, 2016.

MIELNICZUK, L. **Webjornalismo de Terceira Geração**: continuidades e rupturas no jornalismo desenvolvido para a web. Porto Alegre: XXVII, 2004.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo na Web**: uma contribuição para o estudo do formato da notícia na escrita hipertextual. Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura Contemporânea da Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2003. Tese.

MELLO, L. F. **Educomunicação e as práticas pedagógico-comunicacionais da avaliação formativa no ensino básico**. Tese. Ciências da Comunicação, Universidade de São Paulo, 2016, 374p.

MOREIRA, S. V.; PEREIRA, A.A. **Interdisciplinarity an Element of Journalism Education? Curricula Analysis of Universities in Central Brazil**. Paris: World Journalism Education Congress - WJEC Paris, 2019.

NAKAMURA, P. H. A Necessidade de Estudos Comparados na Educação Superior: O Caso Brasileiro. **Revista RTE**, v. 22, n. 2, pp. 14-24, 2013.

PALACIOS, M. Jornalismo Online, Informação e Memória: apontamentos para debate. In: Fidalgo, Antonio; Serra, Paulo. (Org.). **Jornalismo Online**: informação e comunicação online. Covilhã: Universidade da Beira Interior, 2003, v.1, p. 75-90.

SCHWINGELL, C. **Ciberjornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2012.

\_\_\_\_\_. **Jornalismo Digital de Quarta Geração**: a emergência de sistemas automatizados para o processo de produção industrial no Jornalismo Digital. Niterói: Compós, 2005.

Soares, I. O. **Educomunicação**: o conceito, o profissional, a aplicação. São Paulo: Paulinas, 2011.

WINQUES, K.; BARCELOS, M.; CORDEIRO, W. O ensino do jornalismo digital e de inovação. In: Meditsch, E.; AYRES, M. B.; BETTI, J. G.; BARCELOS, M. **O Ensino de Jornalismo sob as Novas Diretrizes**: miradas sobre projetos em implantação. Florianópolis: Insular, 2018, p. 119-142.